

## NADANDO COM TUBARÕES NA LÓGICA DO CAPITAL

**Valéria De Bettio Mattos**

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: [valeriabmattos@bol.com.br](mailto:valeriabmattos@bol.com.br)

### Resumo

O presente texto discute algumas características da lógica do capital e seu impacto no processo de inserção de jovens no mercado do trabalho. A ênfase é dada aos componentes nefastos desta lógica perversa sobre a vida social dos trabalhadores a partir da análise de um filme que retrata os limites entre sanidade e loucura no trabalho.

**Palavras-Chave:** Trabalho. Jovem. Capital.

## SWIMMING WITH SHARKS IN THE LOGIC OF CAPITAL

### Abstract

This paper discusses some characteristics of the logic of capital and its impact in the process of the youth insertion into the labour market. The emphasis of the discussion is on the tragic parts of this perverse logic on the workers' social life, based on the analysis of a movie that shows the limits between mental health and madness into the labour context.

**Keywords:** Labour. Youth. Capital.

O presente ensaio foi criado a partir de uma fala proferida num evento de extensão intitulado “Vida Precária: o trabalhador na lógica do capital”, promovido pelo curso de Educação da Universidade Estadual de Santa Catarina. Este projeto tinha como pressuposto a análise de um filme previamente definido, relacionado à temática da precarização visível no mundo do trabalho, à luz de reflexões pautadas em estudos nas áreas de trabalho e educação, sociologia das profissões e demais áreas afins.

O filme selecionado recebeu em português o título de *O Preço da Ambição* (George Huang, 1994). O enredo, que serviu de pano de fundo para esta análise, parte da conformação do trabalho assumida pelo protagonista Guy (Frank Whaley), um universitário recém-formado em cinema, que pensa ter chegado seu grande momento ao ser contratado como assistente de um famoso produtor, Buddy Ackerman (Kevin Spacey). Oportunamente, trata das implicações desta experiência na vida, para além do âmbito profissional.

A realidade mostra-se diferente da idealizada pelo protagonista, pois as situações vividas e o convívio com seu chefe são degradantes. Diante de tamanho sofrimento, os acontecimentos tomam outro rumo quando o jovem subordinado decide sequestrar seu chefe para revidar as humilhações sofridas diariamente.

O enredo do filme parece algo grotesco, insano, mas a situação retratada extrapola os limites da ficção. O fato nos faz lembrar de um caso ocorrido há uns quatro anos numa cidade grande do estado de São Paulo, noticiado por vários veículos de comunicação: uma jovem estagiária havia assassinado sua supervisora, pensando em ocupar, desta forma, o seu cargo.

Estamos diante da barbárie. Todos os dias somos bombardeados com informações sobre alta nos índices de desemprego, sobre trabalho escravo e infantil, sobre dificuldades de inserção no mercado de trabalho (particularmente entre os jovens), instabilidade nos mercados financeiros, inclusive entre os países que compõem o chamado bloco dinâmico do capital. Estes dados afligem tanto quem está trabalhando, mesmo que em condições precárias, quanto quem busca diariamente por uma ocupação, como nos lembra Vivianne Forrester (1999).

Para discutir *O Preço da Ambição*, ancorei minha análise em dois aspectos, por serem foco do meu estudo nos últimos quatro anos, me são mais familiares. São eles: os jovens profissionais (refiro-me em particular aos detentores de titulação universitária) e o fenômeno do desemprego; o segundo aspecto, seu conseqüente impacto na vida social.

No contexto do filme, procurarei abordar tais aspectos sob a luz de dois parâmetros: a loucura do trabalho e a loucura *pelo* trabalho, ou melhor, pela busca de trabalho. No entanto, penso que, para melhor dimensioná-los, não há como desconsiderar o fio condutor que perpassa o enredo do filme: a ética profissional.<sup>1</sup>

Vamos à análise. O que significa um jovem recém-formado, que imagina ter conseguido o trabalho dos seus sonhos, ver suas possibilidades de atuação profissional serem

---

<sup>1</sup> Sucintamente, ética profissional pode ser definida como o conjunto de valores e normas de conduta internalizada socialmente, com o intuito de promover respeito, cooperação, justiça e igualdade de direitos no ambiente de trabalho. Para detalhes, cf. Senett (2000).

tolhidas pela atitude prepotente e desrespeitosa do seu chefe e, diante de tamanha insatisfação, numa atitude de desespero, buscar reverter a humilhação sofrida contra o seu opressor?

Encontramos no filme elementos que evidenciam uma total ausência de parâmetros éticos para além do contexto do trabalho. Por um lado, um chefe que forja ou rouba projetos e roteiros, avilta seus subordinados, provoca despersonalização e supressão da vida privada de seu assessor e, por outro, um jovem ambicioso que, quando tem oportunidade, reproduz o comportamento do chefe, quer seja imitando trejeitos (tom de voz, postura corporal, quando sentado à mesa do chefe, por exemplo), quer numa atitude insana, fazendo ‘justiça com as próprias mãos’, ao sequestrar o seu superior, buscando submetê-lo aos mesmos sofrimentos e humilhações por ele sofridos. O ápice acontece quando os dois estabelecem aliança no assassinato da namorada do protagonista, idealizadora de um roteiro/projeto aprovado pela grande indústria cinematográfica, numa tentativa de obter vantagens no intuito de ambos permanecerem no poder.

Lembro aqui, como já alertou Sennett (2000) em *A Corrosão do Caráter*, que caráter, tal como é entendido no imaginário social, diz respeito ao conjunto de valores ou atributos da personalidade socialmente reconhecidos como éticos. Podemos, então, indagar: qual é a ética do trabalho numa economia flexível, fluida e necessariamente adaptadora?

A flexibilidade exigida, sobretudo no tempo/espço dedicado ao trabalho, produz novas estruturas de poder e, conseqüentemente, de controle, por meio do uso de tecnologias de ponta. Não é por acaso que o título original ‘*Swimming with sharks*’ (Nadando com tubarões), bem como as primeiras narrativas do filme, remetem à tirania do sistema capitalista. Ora, ainda que o termo ‘sistema’ seja usado indiscriminadamente, a opressão inicialmente sofrida pelo protagonista demonstra os impactos do sociometabolismo<sup>2</sup> do capital, tendo como expressão máxima a expropriação da sua vida social (MÉSZÁROS, 2002).

Não há tempo para ele se dedicar a interesses pessoais. Guy não vive para si, nem sequer tem direito a vida própria. Ele tem seus pensamentos e ações voltadas para a satisfação das necessidades de outrem, pois está conectado 24 horas via e-mail, telefone e computador de bordo com o chefe. Este outro, o produtor hollywoodiano Buddy (expressão carinhosa que

---

<sup>2</sup> O autor afirma que o capital tem seu núcleo constitutivo formado pelo tripé capital, trabalho e Estado. O sociometabolismo do capital apresenta-se como as mudanças provocadas nessas estruturas a fim de manter a sua existência e sua conseqüente expansão. Mézáros (*op.cit.*) alega ainda que é impossível superar o modo de produção capitalista sem a eliminação do conjunto que esse sistema compreende. Enfatiza que, uma vez que o sistema não tem limites para a sua expansão (ao contrário dos modos de organização societal anteriores, que buscavam em alguma medida o atendimento das necessidades sociais), o sistema de sociometabolismo do capital torna-se, no limite, incontrollável, provocando conseqüências nefastas para a vida social em todas as suas possibilidades.

ironicamente significa amigão), expressa a corporificação do capital, sua necessidade de autorregulação, sobretudo quando diz ao assistente: “Você está aqui para atender às minhas necessidades!”

Lower (*apud* MENDES e CRUZ, 2004) sustenta que, para que o trabalhador tenha uma sensação de prazer ou de desprazer no trabalho, é preciso haver correspondência entre o estado interno e a situação externa, dependendo do envolvimento psicoafetivo na atividade desenvolvida. No entanto, o prazer tem um componente inconsciente, não-controlável, apesar da possibilidade de identificar situações a ele relacionadas. Isto significa que uma mesma atividade repercute diferentemente nos indivíduos e também justifica que um mal-estar, decorrente da pressão imposta pelo trabalho, tenha diferentes impactos na vida de quem o sente.

Na atual gestão do capital, a chamada acumulação flexível<sup>3</sup>, em que a flexibilidade e a polivalência dão a tônica ao padrão comportamental esperado da força de trabalho, vemos a capacidade de adaptação dos trabalhadores revestida de inconstância, insegurança e fluidez. A constante mudança de trabalho, bem como a necessidade de desenvolver várias aptidões ao longo da vida profissional, fazem com que os laços de comprometimento e responsabilidade se diluam, tanto em relação à atividade que desenvolve, quanto em relação àqueles com os quais se compartilham (no caso se tivermos a sorte de estarmos trabalhando!) várias horas do dia. Daí decorrem os “rompantes”, como os que expõe o filme.

Em suas obras (2004, p. 85), Marx já predizia que o trabalhador sob a primazia do capital passaria a fazer “da atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência.” Assim é que ele explicava o processo de estranhamento e reificação do trabalho:

Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos, etc, e em suas funções

---

<sup>3</sup> Termo cunhado por Harvey (1993), o qual, segundo suas palavras, representa um "confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego chamado ‘setor de serviços’, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas. (...) A tendência atual dos mercados de trabalho é reduzir o número de trabalhadores ‘centrais’ e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos quando as coisas ficam ruins” (id., p. 135-9). Vale acrescentar que Pochmann, na sua arguição, quando da defesa da dissertação da autora, destacou que o termo é inadequado, uma vez que a produção é flexível, porém a acumulação é constante.

humanas só [sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal (id. p. 83).

No entanto, vale lembrar que as exigências no mundo de trabalho variam de acordo com o paradigma produtivista de cada época. No padrão taylorista/fordista, que vigorou preponderantemente até os anos 1980, a busca dos empresários incidia sobre o saber técnico do trabalhador, o seu *savoir-faire* expresso em atividades repetitivas e rotineiras.

A partir da década seguinte, sob os ditames do toyotismo, a produção flexível passou a exigir trabalhadores polivalentes, que se adaptassem a todas as etapas de produção, com capacidade de trabalhar em grupo e resolver rapidamente problemas que eventualmente ocorressem em suas células de produção. Nesta nova forma de gerenciar o capital, a apropriação do intelecto e da subjetividade se sobrepunha à do saber meramente técnico. Embora estudos mostrem que a imensa maioria das atividades permanece rotineira (Prandi, 1982; Hirata, 2002; Kuenzer, 2005), nesta nova lógica, o *savoir-être* destacava-se e impunha-se por meio de comportamentos, habilidades e atitudes adequadas ao contexto de trabalho.

Pochmann (2006) afirma de maneira provocativa que, do ponto de vista técnico, em decorrência dos enormes ganhos de produtividade acumulados nos últimos 25 anos, do ponto de vista econômico da produção e da produtividade, não há por que trabalhar, no Brasil, por exemplo, antes dos 25 anos de idade, durante mais do que três dias por semana e quatro horas por dia. Ele lembra, entretanto, que o trabalho não é uma variável independente das condições gerais da organização econômica, social, política e cultural, em razão das condicionantes que explicam a exploração e a precariedade das condições laborais às quais os trabalhadores estão submetidos. Segundo o autor,

(...) a intensificação do trabalho, a violência do trabalho na sociedade pós-industrial é absurdamente maior do que aquela que se verificava na sociedade industrial. Na sociedade industrial, o empregador, o patrão ficava satisfeito em absorver a nossa força física. Na sociedade pós-industrial, o patrão fica satisfeito em absorver não somente a força física, mas, sobretudo, a intelectual (2006, p. 61).

Mas como pode um jovem saber quais são os comportamentos esperados se nunca trabalhou e se a maioria de seu aprendizado inicial só é possível por meio de aprendizagem prática e dos modelos com os quais se identifica? Note-se que há aqui, no contexto do trabalho, uma indicação implícita, de responsabilidade para os educadores. Ora, se aprendemos desde os primeiros passos imitando o comportamento de quem media nosso aprendizado, através de nossos sentidos e da síntese das relações sociais, reforçadas ou

refutadas por aqueles que nos acompanham, imagine-se o efeito negativo que terá na formação profissional de um jovem o fato de ele conviver com um chefe que em suas ações desconsidera o interesse coletivo e desrespeita as regras socialmente estabelecidas para um convívio saudável no ambiente de trabalho!

Recentemente, um levantamento do IBGE<sup>4</sup> mostrou que os maiores índices de desemprego estão entre jovens de até 24 anos e entre os mais escolarizados, dados estes que colocam em xeque a Teoria do Capital Humano revitalizada, que continua a defender que o alongamento da escolarização possibilita maiores chances de inserção no mercado e melhores oportunidades de trabalho.

No entanto, Pochmann (2001) ilustra a natureza regressiva e excludente do capital, ao mostrar que não há correlação direta entre nível de escolaridade e oportunidade de trabalho. O autor mostra, baseado nos dados do PED-Dieese/Seade, da década de 1990, justamente o contrário:

Percebe-se que o desempregado com menor grau de escolaridade apresenta diminuição de sua participação relativa no total do desemprego. Em contrapartida, aqueles que possuem escolaridade mais alta tiveram uma elevação na sua participação no total do desemprego. [...] Por esse motivo, a educação, embora cada vez mais necessária, não se mostra suficiente para garantir a todos o acesso adequado aos postos de trabalho dos anos 90 (op. cit., p. 132-3).

A pressão autoimposta pela necessidade de garantir um “lugar ao sol” num mercado cada vez mais competitivo busca responsabilizar implicitamente o trabalhador pela não-inclusão nesse mercado, sobretudo por meio da noção nefasta de empregabilidade<sup>5</sup>. Esta pressão também se manifesta sobre aqueles que estão trabalhando, pois precisam desenvolver suas competências de maneira a conservar os seus postos, mesmo que haja dissonância entre a exigência empobrecida da tarefa executada e o nível de escolaridade do trabalhador, os quais, acrescidos da falta de autonomia e liberdade, provocam estranhamento e apatia (HIRATA, 2002).

Não é por acaso que pessoas adoecem no trabalho, submetidas a tamanha coação, que é a de ter que “matar vários leões por dia” para se manterem ativas no mercado de trabalho. Das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, desencadeadas pela mundialização da

<sup>4</sup> Dados obtidos no jornal *Folha de S. Paulo*, Caderno Cotidiano (C1), de 02 de junho de 2009.

<sup>5</sup> Conforme lembram autores da área de Trabalho e Educação, o termo é controverso, uma vez que dissemina a constante qualificação como condição *sine qua non* para a obtenção ou permanência no emprego, quando se sabe que o desemprego é componente estrutural do atual modo de produção e, portanto, o fenômeno não é decorrente da falta de qualificação do trabalhador. Para detalhes, cf. Frigotto (2002); Castro (2004); Alves (2007).

economia, decorrem alguns problemas sociais, dentre eles o desemprego estrutural e a deterioração das relações de cooperação entre trabalhadores, pela necessidade de competir por uma mesma vaga. Neste cenário, emoções e sentimentos relacionados à incerteza, à ansiedade, não-pertencimento a grupos sociais e à consequente baixa autoestima são manifestos e, no limite, levam a doenças ocupacionais, como a depressão e o *burnout*<sup>6</sup>, popularmente conhecido como síndrome da desistência.

Segundo dados recentes do INSS<sup>7</sup>, as doenças osteomusculares (DO) e as doenças do aparelho circulatório (DAC) estão entre as principais causas da concessão do auxílio-doença. Já para aposentadoria por invalidez, as DAC, os transtornos mentais (TMC) e as DO são as três primeiras causas para afastamento definitivo.

Christopher Dejours (1992), psiquiatra e um dos principais expoentes da Ergonomia, já há duas décadas vem dizendo que as pessoas adoecem mais pela carga psíquica do trabalho do que pela carga física ou mental que a atividade laborativa exige dos trabalhadores.

Mas este mesmo autor também afirma, em *Psicodinâmica do Trabalho* (2004), que, além da psicopatologia do desemprego e da modernização capitalista, o trabalho é um estruturante psíquico.

É a partir desta determinação que ele redefine seus estudos até então denominados de ‘psicopatologia do trabalho’, para compreender as estratégias às quais os trabalhadores recorrem para preservar a saúde mental, apesar de a organização do trabalho ser degradante.

Freud, em *O mal estar na civilização* (1996), afirma:

Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao que goza como algo indispensável à preservação da existência em sociedade (FREUD, 1996, p. 99, nota de rodapé).

O prazer/satisfação ou desprazer/mal-estar no trabalho está associado à identidade social e pessoal. Segundo Mendes e Cruz (2004, p. 42), “o trabalho não se reduz à atividade

<sup>6</sup> Esta expressão advém do inglês e pode ser traduzida como “apagar-se”, caracterizando o esgotamento profissional do trabalhador. As manifestações mais comuns desta desistência são: queda da autoestima, esgotamento emocional, queda no rendimento, diminuição da autorrealização no trabalho e manifestação de comportamentos inadequados no ambiente de trabalho (irritação, descaso, cinismo e distanciamento), culminando com doenças ocupacionais e absenteísmo.

<sup>7</sup> Fonte: <http://www.inss.gov.br/conteudoDinamico.php?id=39>. Acesso em: 11 mai. 2009.

em si, ou ao emprego, é algo que transcende o concreto e instala-se numa subjetividade, na qual o sujeito da ação é parte integrante e integrada do fazer, o que resulta em sua própria realização”.

Isto significa que, pela falta de trabalho, as pessoas adoecem também, uma vez que se reconhecem e são reconhecidas majoritariamente por sua identidade profissional. Dificilmente se apresentam ou são apresentadas a alguém apenas pelo nome. Geralmente, quando conhecemos alguém, automaticamente falamos o nosso nome e em seguida informamos nossa ocupação. O trabalho, no seu caráter ontológico, é a característica que distingue o ser humano dos outros animais. No entanto, como trabalhadores assalariados, a impossibilidade da não-venda do único bem disponível, isto é, a força de trabalho, também os faz adoecer.

Imaginem o que é apresentar a si mesmo como desempregado (para os que já estiveram algum dia empregados) ou sem ocupação (para os que nunca trabalharam, caso da maioria dos jovens egressos do Ensino Médio ou Superior em busca do seu primeiro trabalho). Na França, por exemplo, já existe sindicato dos desempregados, tamanha a dimensão deste fenômeno e dos seus impactos negativos na vida social de milhares de trabalhadores em potencial.

Em termos de realidade mundial, de acordo com o relatório da OIT, divulgado em 2005, quase metade dos desempregados são jovens entre 15 e 24 anos (cerca de 90 milhões). A probabilidade de ficarem sem trabalho, segundo esta organização, é três vezes maior do que a dos adultos, sendo maior a desvantagem em países em desenvolvimento, onde os jovens representam uma proporção mais significativa da força de trabalho do que em economias ditas desenvolvidas.<sup>8</sup>

Diante deste cenário, poder-se-ia indagar: Então, por que estudamos? Para que dedicar tanto tempo se não há vagas para todos? Diante deste questionamento, que também me faço, a única resposta que me ocorre é a convicção de que não há mais como voltar atrás...

O grau de compreensão adquirida da constante investigação empírica e do próprio movimento de abstração para compreender a teoria que nos instiga como estudantes, profissionais e pesquisadores servem de motor propulsor para pensarmos a realidade e fazermos uma crítica propositiva em busca de mudanças.

Outra explicação plausível é a de que a busca de superação na forma de aprimoramento, bem como o exercício de múltiplas potencialidades humanas, geram prazer. E este advém do sentimento de satisfação e liberdade experienciados simbolicamente pelo

---

<sup>8</sup> Disponível em [http://www.ilo.org/global/Themes/Youth\\_Employments/lang--en/index.htm](http://www.ilo.org/global/Themes/Youth_Employments/lang--en/index.htm). Acesso em: 11 mai. 2009.

reconhecimento intimamente relacionado às possibilidades de aprender, criar, inovar e desenvolver outras formas de executar uma mesma tarefa por meio da interação com os demais, o que reforça a identidade social. Como lembram Mendes e Cruz, “o prazer é um ato criativo diante da própria vida, que dá significado ao viver” (op. cit., p. 42).

O fato de você estar lendo este pequeno texto e refletindo, a partir de sua própria experiência, sobre as várias possibilidades do trabalho e suas limitações no sistema capitalista a partir do olhar do outro, é expressão da possibilidade deste devir.

## Referências

ALVES, G. Dimensões da Reestruturação Produtiva - Ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed. Londrina: Editora Práxis, 2007. Disponível em: [www.giovannialves.org/Capitulo%2010\\_texto.pdf](http://www.giovannialves.org/Capitulo%2010_texto.pdf). Acesso em: 12 out. 2009.

CASTRO, R. C. Escola e mercado: a escola face à institucionalização do desemprego e da precariedade na sociedade colocada ao serviço da economia. **Perspectiva**. Florianópolis: CED/NUP, v. 22, n. 01, jan/jun. 2004. p.79-92.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

\_\_\_\_\_. Lancman, S. & Sznelman, L. (Orgs.). **Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Brasília: Paralelo 15, 2004.

DEMAZIÈRE, D. Ser desempregado para os sociólogos. In: Política & Sociedade. **Revista de Sociologia Política**. Florianópolis. UFSC, 2008, p. 109-182 (Tradução: Ione R. Valle e Bernardete W. Aued).

FREUD, S. *O Mal-estar na civilização*. Edição standard brasileira das **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, v. 21 (1930[1929] 1996).

FRIGOTTO, G. (Org.) **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FORRESTER, V. **O Horror Econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GENTILI, P. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3. ed. Campinas: Autores Associados; HISTEBR, 2005.

HIRATA, H. Da polarização das qualificações ao modelo das competências. In: FERRETTI, C. J. et al.. (Orgs.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3. ed. Campinas: Autores Associados; HISTER, 2005.

MARX, K. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: \_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo (1944), 2004.

MATTOS, V. B. **Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho**: um estudo sobre o alongamento da escolarização entre os mestrandos da UFSC. Florianópolis: 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFSC/PPGE, Florianópolis.

MENDES, A. M.; CRUZ, R. M. Trabalho e saúde no contexto organizacional: vicissitudes teóricas. In: TAMAYO, A. (Org.) **Cultura e Saúde nas Organizações**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. New ILO study says youth unemployment rising, with hundreds of millions more working but living in poverty. Disponível em: [http://www.ilo.org/global/About\\_the\\_ILO/Media\\_and\\_public\\_information/Press\\_releases/lang--en/WCMS\\_072016/index.htm](http://www.ilo.org/global/About_the_ILO/Media_and_public_information/Press_releases/lang--en/WCMS_072016/index.htm). Acesso em: 23 abr. 2008.

POCHMANN, M. Crianças e adolescentes e o mundo do trabalho. In: Relatório do encontro da Região Sul “Trabalho Infantil: violação de direitos humanos.” **Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, Fórum Estadual de Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente no Trabalho de Santa Catarina**. Florianópolis, 17 a 18 de agosto de 2006.

SENNETT, R. **Corrosão do Caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Recebido em: 08/07/2009

Aprovado em: 08/02/2010